

A JUSTIÇA FINAL (SL 73)

Rita de Cácia Ló

Numa visão geral da estrutura do salmo 73, vemos que este salmo é de caráter sapiencial, devido a alguns pontos apresentados na sua narração, e que citamos a seguir: discussão do problema da retribuição, o vocabulário “justo *versus* ímpio”, questões relacionadas ao sentido da vida, da felicidade, da ilusão das riquezas, etc. Também pelo parentesco com os textos de Jó e Eclesiástico.

Neste salmo, o salmista vai tratar de algumas questões problemáticas da vida: porque os ímpios prosperam, aparentemente, sem punição divina? Porque o caminho do justo parece ser mais penoso?

O salmo é uma intensa personalização do problema sapiencial. Mais que tema é uma experiência dolorosa. Encontra-se seis vezes a palavra “coração”, com sugestiva associação (v. 1.7.13.21.26): associado com olhos no verso 7, com mãos no verso 13, com rins no verso 21 e com carne no verso 26. Pelas comparações o autor tenta expressar todo o sofrimento através da corporeidade que engloba o olhar, as paixões e imaginações, mostrando a unidade do ser humano.

Este salmo apresenta a luta pela qual o fiel passa. Segundo Artur Weiser, ele constitui um testemunho vigoroso da luta da alma, que só pode ser comparável ao livro de Jó. O salmo 73 não tem estrutura tão dramática como a poesia de Jó, porém traz o lamento, o sofrimento do justo. Este justo vê as maldades do ímpio que, apesar de tudo, prospera. Weiser diz ainda que, justamente pela simplicidade com que o salmista expressa as mais profundas intuições, é que este cântico se torna insuperável no Antigo Testamento¹.

1. Possibilidade de data

É sempre uma tarefa difícil determinar sobre o ambiente sócio-cultural de um salmo. Porém podemos considerar as referências ou até podemos dizer uma certa dependência ao texto de Jó. Encontramos referências com o livro do Eclesiástico e dos Provérbios.

Considerando o período desta literatura, Jó, Eclesiástico e Provérbios, podemos já assinalar um período o *pós-exílio*.

Mas, não podemos deixar de considerar o verso 17 onde se menciona “*miqdes-hey-’el*” tendo como tradução “*santuários do Senhor*”. Este plural causa problemas, pois sabemos que apenas um santuário era aceito e comprovado: o santuário de Jerusalém.

1. WEISER, Artur. *Os Salmos*. Coleção: *Grande comentário Bíblico*, p. 380-388.

Como explicar no Salmo 73, este plural? Aí, claro, surgem as mais diversas interpretações.

No entanto, quero considerar os fatos do ano de 587 aC onde o templo de Jerusalém foi totalmente destruído pelos babilônios. Tornando-se, assim, impossível o culto no lugar central no Templo. Surgiu então a sinagoga (em hebraico *bet qahal*). Não era um templo, mas uma casa de encontro para a oração e o estudo da *torah*.

Portanto, o termo “santuários do Senhor” está se referindo às sinagogas do período pós-exílio, como já identificamos acima.

2. Comentário

O salmo discorre entre uma introdução (v. 1) e uma conclusão (v. 27-28). O corpo do salmo articula-se por quatro seções, com vários paralelismos antitéticos, como podemos ver no que chamo de estrutura:

Versículos		Os pares de opostos	Nome de Deus	Sujeito
v. 1	Introdução Enunciado da reflexão		Elohim	Deus é bom
v. 2-12	Vida feliz do ímpio	A	El Eleyon	Dominam “eles” mas dentro da visão do “eu”.
v. 13-16	Vida infeliz do justo	B	—	Domina totalmente o “eu”
v. 17-22	Vida infeliz do ímpio	A'	El (2x) Adonai “junto de ti”	Domina Deus, na segunda pessoa, determinando o destino “deles”.
v. 23-26	Vida feliz do justo	B'	Elohim	Intensa união de Deus e “eu”
v. 27-28	Conclusão Momento de intensa oração		Elohim Adonai Iahweh	Deus é bom

a) introdução (v. 1)

O autor inicia reconhecendo que *Elohim é bom* para Israel, mas enquanto esse Israel for “puro de coração”. Este início dá a entender que o salmista não tem dúvidas da bondade de *Elohim*, mesmo que ao longo do salmo pareça ter dúvidas em permanecer nesse caminho de dureza ou optar pela vida fácil do ímpio. Nos versos seguintes, o autor esclarece que diante da vida fácil do ímpio, ele quase escorregou e caiu na tentação.

O salmo 73 inicia e termina com o adjetivo “bom” *tov* (v. 1 e 28), como uma moldura, dando assim coesão ao que ficou incluído na oração do salmo.

b) *Primeira parte (v. 2-12)*

Nesta primeira parte do salmo, o orante descreveu em detalhes visuais o que lhe causou indignação.

Nos versos 2-3, faltou pouco para o salmista perder-se no caminho ou, literalmente “derramar os passos” como descreve o texto hebraico.

No verso 3, temos a identificação do que ele chamou de “tropeço” ao “ver” o ímpio feliz e próspero, despertou no salmista a inveja. Podemos dizer que, ao mesmo tempo, ele acusou-se, de acordo com o texto de Provérbio 24,1 “não invejes os malvados nem desejes viver com eles”.

No verso 5, relata que a “fadiga dos homens não os atinge, e como os humanos eles não são molestados”. Este verso aponta para as misérias comuns da vida que parecem não atingir os ímpios. O salmista fez uma leitura a partir do texto de Jó 21,23-34.

O verso 6² traz uma imagem abstrata como que uma peça de vestir ou de ornamento³. A Vulgata anulou essa imagem usando o sentido “apodera-se”. Creio que o sentido hebraico pode ser facilmente compreendido como a imagem de uma pessoa arrogante e que tem como adorno principal a violência. Neste mesmo sentido, o verso 8 diz: “falam do alto oprimindo”, completando a compreensão. Considerando que “do alto” é uma posição estratégica para quem quer dominar ou domina uma situação.

No verso 7, aparece “Sai da gordura seus olhos” o problema está em se devemos ler “olhos” de acordo com o hebraico, ou “crimes” com fazem a Septuaginta e a Vulgata. Lembrando que gordura na Bíblia traz o sentido de bem-estar de bênção⁴, também relacionado com o verso 4 onde o que ele viu foi uma “barriga/ventre gorda”.

O verso 9 evoca a criação *o céu e a terra*. Isto é, remetem aos textos da criação lugar por excelência criado, abençoado e dado aos homens e mulheres para cultivar e viver da maneira de Deus. Porém, segundo o salmista, os ímpios queriam dominar este universo com a língua: “Colocam no céu a boca deles, e a língua deles percorre a terra”. A mesma descrição encontramos em Isaías 14,13-14, onde o soberbo imperador pretendia escalar o céu para dominar.

No verso 11, o orante apresenta um tema muito freqüente no Antigo Testamento⁵: “como o El pode saber? Existe conhecimento no elyon?”, com isso descreve e conclui, nos versos 6-11, a insolência sem limites dos ímpios.

No verso 12, termina a descrição dos ímpios, dizendo: “sempre tranqüilos, aumentam as riquezas!” Este aumento da riqueza costuma ser sinal de bênção divina, que era também o motivo de sua tentação: “Quanto a mim, por pouco não tropeçaram meus pés, por quase nada, escorregaram meus passos”.

2. Tradução literal: “Por tanto a soberba eles colocam como colar, a violência deles cobre como veste”.

3. Ver também Is 11,5

4. Ver Jó 15,27; Dt 32,15; Is 10,16.

5. Sl 10,11;94,7; Jó 22,13ss; Eclo 23,18; Is 29,15; Ez 8,2. 9,9.

c) Segunda parte (v. 13-16)

A segunda parte é a crise de fé, a primeira parte é a constatação de que os ímpios, apesar de suas maldades, vivem bem.

Há, nesta segunda parte, uma seqüência de paralelos antitéticos:

- Enquanto os ímpios “não sofrem” o justo “sofre todo o dia” (v. 5.14);
- Os ímpios andam adornados de soberba e violência; o justo lava-se e esfrega mãos e coração (v. 6.13), no sentido de dupla purificação (interna e externa, de pensamento e ação)⁶.

O verbo *sapar* tem o significado de *expressar, declarar* (v. 15), é, na verdade, um ato público, fruto de uma decisão consciente. Creio que o problema maior está em compreender o significado e sentido que o salmista quer passar no verso 15 “Se eu disser: ‘vou falar como eles!’ Já teria traído a geração dos teus filhos”. Ele coloca o verbo *bagad* que está no sentido de atraiçoar, ser desleal. O que sustentou a honra foi a lealdade ao ‘*dor*’ (*grupo/ geração*). Na compreensão israelita, o indivíduo não podia ser chamado de filho de Deus, mas só o povo como comunidade era filho de Deus⁷. Por isso, ao atraiçoar o grupo, perde o indivíduo a participação neste título.

Finaliza este bloco, dizendo que o conhecimento de Deus é como um mistério incompreensível. E o orante mostra seu cansaço e desânimo diante da impossibilidade de resolver e explicar os grandes conflitos da vida.

d) Terceira parte (v. 17-22)

Nesta terceira parte, podemos perceber a reviravolta. Aqui o salmista consegue ultrapassar a aparência e “ver” a ruína dos ímpios.

No verso 17, alguns traduzem o termo “*santuários* do Senhor” por templo, santuário lugar da presença e comunicação divina; outro diz que deve ser entendido como “santuário da inteligência espiritual”. Creio que pode, ser também a sinagoga como já vimos, lugar judaico da assembléia para oração e instrução.

Toda a visão dos versos 2-12 desmorona em dois versículos (v. 18-19). Neste dois versículos, o orante ultrapassa o presente e tem a graça de “ver” o futuro, se é que posso dizer isso. Podemos relacionar com o profeta Sofonias (1,15) o mesmo termo que temos por “ruínas” no verso 18 é compreendido pelo profeta como “o dia do Senhor”. Na ruína deles está a manifestação da Graça de Deus para o Salmo 73, ou seja, aquele que em Deus esperou e confiou, teve a suas dúvidas convertidas em certezas e viu que Deus fez cair a aparente felicidade dos ímpios.

Quando no verso 20 ele usa os verbos hebraicos “despertar” (*quís*) e “acordar” (*ur*) “acordar” num paralelismo sinonímico, ele está dizendo, no salmo, que toda a vida dos ímpios é um sonho, uma aparência sem consistência. Sua existência orgulho-

6. No mesmo sentido pode-se ler em Is.1,16 na polemica do culto e a justiça, assim como também em Pr 20,9.

7. Ver Deuteronômio 14,1.

sa, sua felicidade passa de repente, “como um sonho” (v. 20). A vida dos ímpios não era real, porque era uma relação quebrada com Deus (conferir (Eclo 34,2; Jó 20,8).

Os versos 21-22 mostram, que a partir do encontro com Deus (v. 17), o salmista avaliou a sua visão e tentação, usando novamente metáforas que indicam amargura e dor espiritual. A reflexão levou-o a achar-se estúpido como um animal diante do conhecimento de Deus.

e) *Quarta parte (v. 23-26)*

Para finalizar, o salmista joga com os termos “junto de ti” (v. 22) denunciando a realidade animal⁸ do humano por falta da razão. Agora, no verso 23 o “contigo” manifesta o humano diante de Deus e Deus para o humano.

Nos versos 23-24 aparecem três ações concretas: *me agarras, me guias, me arrebatas*. O primeiro verbo, *me agarras*, é raro tendo Deus como sujeito (Sl 77,5; Jó 16,12); o segundo, *me guias*, é frequente (Sl 23,3; 31,4;61,3); e o terceiro, *me arrebatas*, é o clássico de Henoc e Elias.

Na verdade, as três ações vêm formar um processo libertador. O orante direcionado para Deus não está mais prestes a “derramar os passos”, mas agora está firme no Deus libertador.

f) *Conclusão (v. 27-28)*

Os versos 27-28 concluem a oração no momento alto do orante. Ele descobriu que é *bom* para si estar *perto de Deus*. Na verdade esses versos contêm a síntese da busca do conhecimento do Senhor (v. 16.17.22).

O Salmo 73 pode ser resumido dessa forma: que a fidelidade do justo consiste na confiança absoluta no Senhor Deus da Aliança, pois aquele que permanecer junto dele, sendo fiel, Ele segura-o pela mão e guia seus passos; ao contrário, o infiel, ou aquele que se afasta, “se perde” (v. 27).

Bibliografia

- ASENSIO, Victor Morla. *Livros Sapienciais e outros Escritos*. São Paulo: Ave Maria, 1997.
BORTOLINI, José. *Conhecer e rezar os Salmos – comentário popular para nossos dias*. São Paulo: Paulus, 2000.
WEISER, Artur. *Os Salmos*. Grande comentário bíblico. São Paulo: Paulus, 1994.
SCHÖKEL, Luis Alonso & CARNITI, Cecilia. *Salmos II*. São Paulo: Paulus, 1998.
RAGUER, Hilari. *Para Compreender os Salmos*. São Paulo: Loyola, 1998.

Rita de Cácia Lô
Londrina

8. Literalmente “hipopótamo”, símbolo de grande e lento, conferir Jó 40,15.